



# FRONTEIRAS DA ARQUITECTURA PAISAGISTA EM PORTUGAL

para além do plano e do projecto





Associação Portuguesa  
de Arquitectos Paisagistas

# FRONTEIRAS DA ARQUITECTURA PAISAGISTA EM PORTUGAL

para além do plano e do projecto

Apoio à edição:



FUNDAÇÃO  
SERRA HENRIQUES

Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas

Coordenado por Clara Ponte e Sousa

# A ILUSTRAÇÃO BOTÂNICA E OS JARDINS NA EVOLUÇÃO DO CONHECIMENTO DA FLORA DA MADEIRA ATÉ AO SÉCULO XIX

**Sandra Mesquita**

Arquitecta Paisagista, Mestre em Sistemas de Informação Geográfica.  
Doutoranda CEABN - InBio, Instituto Superior de Agronomia, U. L.

O conhecimento da flora endémica da Madeira pela comunidade botânica teve o seu início no século XVII e desenvolveu-se ao longo dos séculos XVIII e XIX de forma indissociável da evolução dos jardins europeus e da horticultura. Esta, por sua vez, tem inúmeras pontes com o desenvolvimento da literatura e da ilustração botânicas. Apresenta-se seguidamente um esboço desta evolução conjunta, salientando-se alguns dos personagens mais proeminentes destas áreas do saber.

Actualmente reconhecem-se 1268 táxones espontâneos na Madeira (espécies e subespécies), 798 nativos e os restantes introduzidos. Das plantas nativas, 173 são endémicas exclusivas do arquipélago, ou seja, ocorrem naturalmente apenas neste território; e 75 são endémicas da Macaronésia (Menezes de Sequeira, com. pess.), uma unidade biogeográfica informal que abrange os arquipélagos dos Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde e ainda, segundo alguns autores, parte da costa de Marrocos.

A colonização portuguesa da Madeira teve início ainda na primeira metade do século XV. Os relatos da época falam de uma densa floresta com árvores de grande porte, que terá sido queimada para dar lugar ao cultivo de cereais e explorada para produção de madeira (Cadamosto, 1445; Frutuoso, 1586-1590; Mello, 1660). A produção de cana-de-açúcar substituiu largamente o cultivo de cereais durante a segunda metade do século e o açúcar tornou-se o produto dominante de exportação, atraindo à ilha comerciantes portugueses, italianos,

franceses, ingleses e sobretudo flamengos. Estas eram ainda relações sólidas no século XVII, quando os Países Baixos se tornaram na maior potência económica da Europa.

Ao longo do século XVI a produção de açúcar caiu drasticamente, mas a pequena indústria de conservas de fruta entretanto desenvolvida manteve-se até ao início do século XVIII, com açúcar importado do Brasil. A produção de vinho foi ganhando força, passando a dominar as exportações a partir do século XVIII (Nunes, 2002), sempre com uma forte ligação à comunidade inglesa, que também ganhou importância. Os produtos do arquipélago eram enviados para os portos da Europa, mas eram também fundamentais, em particular as conservas de citrinos, para o abastecimento das embarcações que faziam na Madeira uma última paragem, rumo ao hemisfério Sul.

As ligações da Madeira ao exterior foram sempre subordinadas a estas trocas comerciais e os caminhos seguidos pelas plantas madeirenses não constituem excepção. Estas nunca foram um produto comercial central na economia do arquipélago, mas seguiram os mesmos canais até à Europa – até aos seus jardins e herbários.

Não se conhece o percurso das primeiras plantas madeirenses a chegar ao continente, tampouco quem as trouxe para os jardins europeus. A primeira planta nativa da Madeira cultivada na Europa continental foi certamente o dragoeiro (*Dracaena draco*). Hieronymus Münzer, de visita a Lisboa em 1494, terá visto quatro

espécimes, um dos quais, no convento de Santo Agostinho, já uma árvore monumental (Paz-Sánchez, 2004). A maioria das primeiras referências ao cultivo de plantas nativas da Madeira data do século XVII, tais como o vinático (*Persea indica*), listado por Aldini e Catelli (1625) para os Jardins Farnésios no Monte Palatino, em Roma, ou o jasmineiro-amarelo (*Jasminum odoratissimum*), cultivado nos jardins de John Tradescant o Novo, no sul de Londres (Tradescant, 1656). No entanto, esta é também uma planta nativa das ilhas Canárias, pelo que pode ter sido cultivada a partir de propágulos recolhidos em qualquer destes arquipélagos.

O jasmim-branco (*Jasminum azoricum*) é a primeira planta endémica da Madeira mencionada como tendo sido observada fora do arquipélago, incluída numa lista de plantas de Lisboa e arredores compilada em 1661 por Gabriel Grisley, um médico alemão que vivia em Lisboa (Grisley, 1661). No entanto, as primeiras referências concretas à presença da planta em jardins, assim como as primeiras representações da mesma, têm origem na Flandres, o que não constitui surpresa, uma vez que aqui se reuniam as condições ideais à introdução de novas plantas ornamentais: os jardins privados que competiam com os jardins botânicos das universidades no cultivo de plantas exóticas estavam na moda; os seus donos mantinham contactos comerciais com várias partes do mundo, o que facilitava a importação de novas plantas; estavam na Flandres os maiores especialistas em horticultura da Europa; e abundava o dinheiro necessário para criar e manter os jardins e para promover estas colecções de plantas vivas através da sua representação por ilustradores talentosos em publicações e catálogos ilustrados.

Foi Johannes van Riedt, mercador e “incansável criador de plantas raras” (Hermann, 1687: 676) quem primeiro cultivou o jasmim-branco no seu jardim, oferecendo um exemplar ao Jardim Botânico de Leiden. Em 1693, a planta estava também no jardim de Simon van Beaumont, secretário dos Estados da Holanda, e em 1697 no Jardim Botânico de Amsterdão (Hermann, 1687). A primeira representação

conhecida deste jasmim – na verdade, a primeira representação de um endemismo madeirense – foi feita por Jan Moninckx entre 1686 e 1690, a partir do exemplar cultivado no Jardim Botânico de Amsterdão (figura 1). Faz parte de um conjunto de 420 aguarelas das plantas exóticas do jardim, compiladas em oito volumes e conhecidas como o Atlas Moninckx<sup>1</sup> (Wijnands, 1983).

Outro importante testemunho da primeira vaga de importação de plantas madeirenses está no trabalho do inglês Leonard Plukenet, um dos mais notáveis botânicos do século XVII. Plukenet reuniu gradualmente, por aquisição, um herbário com cerca de 8000 espécimes, em particular de plantas exóticas cultivadas nos jardins ingleses. Publicou várias obras ilustradas, incluindo um total de cerca de 2740 figuras (Francisco-Ortega *et al.*, 1994). Estas incluem duas plantas endémicas da Madeira, o jasmim-branco e a hera-terrestre (*Sibthorpia peregrina*, apresentada na figura 2) (Plukenet, 1696).

Os primeiros naturalistas que colheram plantas na Madeira de forma organizada fizeram-no durante curtas estadias para abastecimento dos navios onde seguiam em viagens de exploração de novos territórios. A Madeira oferecia um primeiro vislumbre de um mundo desconhecido e exótico e era o primeiro local de colheita.

Assim foi para Sir Hans Sloane que, em Outubro de 1687, a caminho da Jamaica, colheu espécimes de 38 táxones madeirenses, 6 dos quais endémicos do arquipélago (Menezes de Sequeira *et al.*, 2010). Também o Capitão Cook, na sua primeira expedição científica pelo Pacífico, parou na Madeira durante 5 dias, em Setembro de 1786. Os naturalistas da expedição, Sir Joseph Banks e Daniel Solander, um jovem sueco discípulo de Lineu, colheram mais de 250 espécimes (Britten, 1904). A partir destes, Sydney Parkinson, o ilustrador científico da expedição, à qual não sobreviveu, produziu vários desenhos aguarelados que constituem as primeiras representações

1. Depositado na Biblioteca da Universidade de Amsterdão e disponível em: [hdl.handle.net/11245/3.27218](https://hdl.handle.net/11245/3.27218).



Figura 1. *Jasminum azoricum*, aguarela de Jan Moninckx incluída no Atlas Moninckx, vol. 2, tab. 18 (1686-90). Original em Allard Pierson, University of Amsterdam, hs. VI G 2.



Figura 2. *Sibthorpia peregrina*, gravura de Plukenet (1696), tab. 257, fig. 2, autor não identificado.



Figura 3. *Smilax pendulina*, aguarela de Sydney Parkinson (c. 1786). Original em Natural History Museum, London. Library and Archives.

conhecidas de algumas plantas endémicas da Madeira: folhado (*Clethra arborea*), perado (*Ilex perado* subsp. *perado*), murrião (*Helichrysum obconicum*) e *Smilax pendulina* (figura 3) (Francisco-Ortega *et al.*, 2015).

O conhecimento e a disseminação das plantas madeirenses entraram numa nova fase com a visita de Francis Masson, entre 1776 e 1779, durante uma campanha de colheita de plantas nos arquipélagos da Madeira, Açores, Canárias e Caraíbas. Masson foi o primeiro colector oficial de plantas dos jardins reais de Kew e o mais importante colector do século XVIII, tendo enriquecido enormemente os herbários e jardins europeus com material que serviu de base à descrição de centenas de espécies pelos mais notáveis botânicos da época. A maior parte do material recolhido por Masson foi enviado a Joseph Banks. Os espécimes de herbário foram depositados no

que é actualmente o herbário do Museu de História Natural de Londres (BM) e o material vivo obtido a partir de sementes ou outros propágulos foi cultivado em Kew e depois eventualmente enviado para outros jardins (Francisco-Ortega *et al.* 2008).

Masson enviou ainda algum material para outros botânicos. Por exemplo, Lineu e o seu filho receberam três remessas de plantas (Francisco-Ortega *et al.* 2008). Lineu estava já em precário estado de saúde quando as recebeu, pelo que foi Lineu filho quem se dedicou ao seu estudo (Stöver, 1794). Daí resultou a descrição de seis espécies endémicas da Madeira, em 1782, incluindo algumas das mais icónicas, como o maçaroco (*Echium candicans*), a dedaleira arbórea *Isoplexis sceptrum* e a extraordinária *Musschia aurea*, uma das três espécies deste género endémico do arquipélago da Madeira. Esta é uma das duas espécies madeirenses que Francis Masson



Figura 4. *Musschia aurea*, aguarela de Francis Masson (c. 1777). Original em Natural History Museum, London. Library and Archives.



Figura 5. *Genista tenera*, gravura de Jacquin (1784), tab. 147, autor não identificado.



Figura 6. *Teucrium betonicum*, gravura de L'Héritier (1785-1805), tab. 40, a partir de original de Pierre Joseph Redouté.

- também um talentoso ilustrador - pintou e cujas aguarelas estão actualmente depositadas no Museu de História Natural de Londres (figura 4). Masson enviou também sementes para Nicolau J. Jacquin (Hooker, 1882), à data director do Jardim Imperial de Schönbrunn, em Viena. As plantas cultivadas no jardim a partir deste material foram apresentadas em publicações deste autor, resultando na primeira descrição e ilustração do piorno-da-Madeira (*Genista tenera*, representada na figura 5) (Jacquin, 1784) e ainda nas primeiras ilustrações do maçaroco (Jacquin, 1784), da erva-branca (*Teucrium abutiloides*) (Jacquin, 1789) e da figueira-do-inferno (*Euphorbia piscatoria*) (Jacquin, 1804).

O material herborizado e depositado em Londres ficou disponível à comunidade botânica e serviu de base à publicação, por vários autores,

de muitas dezenas de táxones entre eles endemismos madeirenses. Destaca-se o trabalho do francês Charles L'Héritier de Brutelle, que trabalhou sobre este material durante uma estadia em Londres em 1786 e 1787. L'Héritier publicou várias espécies novas em fascículos, alguns ilustrados, depois reunidos num volume com 91 gravuras sob o título *Stirpes Novae* (L'Héritier, 1785-1805). Muitas destas gravuras foram feitas a partir de desenhos de Pierre Joseph Redouté, incluindo a de uma nova planta madeirense, *Teucrium betonicum* (figura 6). Redouté tornou-se mais tarde no ilustrador botânico mais popular da época e é provavelmente o personagem mais celebrado da história da ilustração botânica (Blunt & Stearn, 2015). L'Héritier impulsionou o início da sua carreira ao contratar Redouté para ilustrar várias das suas obras, tais como a que produziu após a sua estadia em Londres, *Sertum Anglicum* (1789-1792), onde incluiu a descrição de várias



Figura 7. *Isoplexis sceptrum*, gravura de L'Héritier (1789-1792), tab. 24, a partir de original de Pierre Joseph Redouté.



Figura 8. *Aeonium glutinosum*, gravura de Ker Gawler (1818), tab. 278, a partir de original de Sydenham Edwards.



Figura 9. *Sideritis candicans*, gravura de Willdenow (1816), tab. 150, original e gravura de Friedrich Guimpel.

plantas novas para a Madeira, assim como uma magnífica gravura de *Isoplexis sceptrum* (figura 7).

Outros autores descreveram plantas endémicas da Madeira a partir de material colhido por Francis Masson. São exemplos o buxo-da-rocha (*Chamaemeles coriaceae*), da autoria de John Lindley, secretário da *Horticulture Society* (Lindley, 1822); e a trepadeira *Convolvulus massonii*, cujo nome celebra o seu colector, descrita pelo botânico alemão Friedrich Dietrich, autor de livros de botânica e horticultura e criador de jardins (Dietrich, 1816); ou o *Sinapidendron angustifolium*, descrito pelo notável botânico suíço Augustin Pyramus de Candolle, provavelmente o maior botânico a seguir a Lineu e o criador do Jardim Botânico de Geneve (Candolle, 1821). Outro exemplo é a uva-da-serra (*Vaccinium padifolium*), introduzida nos jardins de Kew

em 1777 mas confundida com uma espécie do Cáucaso durante 40 anos, até James Edward Smith, o fundador e primeiro presidente da Sociedade Lineana de Londres, esclarecer o engano (Smith, 1816).

Os propágulos enviados por Masson estão na origem da primeira grande introdução de plantas da Madeira nos jardins da Europa, em 1777. As plantas cultivadas nos jardins de Kew foram compiladas no catálogo, *Hortus Kewensis*, a primeira edição de 1789 e a segunda de 1810-1813. Estes catálogos incluem a publicação válida de muitas centenas de espécies, algumas delas madeirenses. Destacam-se, a título de exemplo, o ensaio (*Aeonium glutinosum*), apresentado na figura 8 numa gravura de 1818 (Ker Gawler, 1818); a selvageira (*Sideritis candicans*), apresentada na figura 9, de uma publicação que descreve e ilustra as plantas raras cultivadas no Jardim Botânico de

Berlim (Willdenow, 1816); e o folhado (*Clethra arborea*), uma pequena árvore ornamental ainda hoje muito popular, com folhagem brilhante e cachos de flores fragrantas, que justificam o seu nome inglês: *lily of the valley tree*. Esta planta exerceu desde sempre uma forte atracção sobre os visitantes da ilha. Durante o século XVIII foram divulgadas várias gravuras do folhado em livros e publicações periódicas dedicadas à botânica e à horticultura, a mais notável, uma vez mais, pelo incontornável Redouté (figura 10). Esta representação surge num livro encomendado pela imperatriz Joséphine de Beauharnais, primeira mulher de Napoleão, para mostrar ao mundo as plantas dos jardins do palácio de Malmaison, que adquiriu em 1798 e onde criou um jardim que encheu de plantas raras e animais exóticos (Ventenat, 1804).

Das plantas madeirenses descritas no *Hortus Kewensis*, apenas duas foram recebidas de outras fontes (Aiton, 1789): o mocano (*Pittosporum coriaceum*), introduzido em 1787 por James Webster, de quem nada mais se sabe; e o perado (*Ilex perado* subsp. *perado*) trazido para o jardim em 1760 por James Gordon, um jardineiro conceituado e viveirista sediado em Londres. Na figura 11 apresenta-se uma gravura desta planta que rapidamente se popularizou como ornamental, preparada a partir de um original de Redouté e publicada numa obra de sete volumes sobre as árvores e arbustos cultivados em França no final do século XVIII e início do XIX (Duhamel du Monceau, 1800).

Ainda no século XVIII, algumas espécies madeirenses foram descritas a partir de plantas cultivadas noutros jardins, nomeadamente nos jardins reais de Herrenhausen, em Hanover, e no *Jardin du Roi*, mais tarde Jardim Botânico de Paris. O aipo-da-serra (*Melanoselinum decipiens*, figura 12) foi descrito numa publicação sobre as plantas raras dos jardins de Herrenhausen, da autoria do botânico Heinrich Schrader, director do Jardim Botânico de Göttingen, e ilustrado por Christoph Wendland, inspector do jardim de Herrenhausen (Schrader & Wendland, 1797). Do jardim de Paris veio, por exemplo, o espécime

em que o botânico espanhol Antonio Cavanilles se baseou para descrever o *Geranium palmatum* (Cavanilles, 1787).

Este gerânio foi primeiro táxone endémico da Madeira representado na icónica *The Botanical Magazine* (figura 13, Curtis, 1792), uma publicação periódica ilustrada criada em 1787 com o objectivo de difundir a flora exótica ornamental cultivada nos jardins de Inglaterra.

Note-se que nenhum dos autores até agora referidos, responsáveis pela descrição e publicação de mais de três dezenas de táxones endémicos do arquipélago da Madeira, visitou estas ilhas e viu as espécies que descreveu no seu habitat natural. As ilhas foram visitadas esporadicamente por naturalistas, no século XVII e, sobretudo, no século XVIII, que foram recolhendo algum material e publicando pequenos textos sobre as suas impressões, mas sempre com um carácter esporádico e casual. Foi já no século XIX que pela primeira vez um botânico visitou o arquipélago e deu consequência direta à sua exploração com a publicação de novos táxones para a flora da Madeira, ainda que num texto não assinado pelo próprio.

O botânico em questão é Robert Brown, que participou como naturalista na primeira expedição científica de circum-navegação da Austrália, em 1802, a bordo do navio *Investigator*. Antevendo uma escala na Madeira, Brown familiarizou-se previamente com a sua flora estudando os manuscritos e espécimes de Banks e Solander e de Masson depositados no Museu de História Natural de Londres. A curta visita realizada, de apenas 3 dias, trouxe poucas adições a estes documentos, (Moore, 2001; Britten, 1904). Depois do seu regresso em 1805, Brown passou vários anos a trabalhar nos resultados da expedição e acabou por passar a informação que compilou sobre a Madeira ao geólogo Leopold Von Buch, provavelmente por ocasião da visita deste último à ilha, ainda que também durante poucos dias, em 1815. Como tal, foi Von Buch quem publicou a primeira lista sobre



Figura 10. *Clethra arborea*, gravura de Ventenat (1804), tab. 40, a partir de original de Pierre Joseph Redouté.



Figura 11. *Ilex perado subsp. perado*, gravura de Duhamel du Monceau (1800), tab. 2, a partir de original de Pierre Joseph Redouté.



Figura 12. *Melanoselinum decipiens*, gravura de Schrader & Wendland (1797), tab. 13, a partir de original de Christoph Wendland.

a flora da Madeira, que inclui apenas 4 novas espécies endémicas do arquipélago (*Maytenus umbellata*, *Oenanthe divaricata*, *Sideroxylon mirmulans* e *Sambucus lanceolata*), atribuindo a sua autoria a Robert Brown (Buch, 1825).

Em 1826 chegou à Madeira o inglês Richard Thomas Lowe, o primeiro naturalista que se instalou na ilha durante vários anos e estudou a sua flora de modo sistemático. Padre anglicano, Lowe foi capelão da Igreja Inglesa no Funchal, o que lhe permitiu fazer várias expedições na ilha da Madeira durante os 26 anos que aí permaneceu e também nas restantes ilhas do arquipélago, onde pôde observar as plantas que descreveu no seu habitat natural.

A primeira espécie madeirense descrita por Lowe, *Tolpis macrorhiza*, foi publicada pelo seu amigo William Jackson Hooker, à data editor da *Curtis's Botanical Magazine* (Hooker, 1830). A ilustração que acompanha o texto é da autoria do próprio Hooker (figura 14).

Num artigo mais longo, datado de 1831, Lowe descreveu 67 espécies de plantas (e 71 de moluscos terrestres), 20 das quais endemismos madeirenses novos para a ciência (Lowe, 1831). Durante os primeiros anos da sua actividade na Madeira, Lowe também ilustrou algumas das plantas que estudava, embora a maioria destas ilustrações não tenha sido publicada. Das seis gravuras que acompanham este artigo, uma está assinada por Lowe e uma segunda, da raríssima orquídea *Goodyera macrophylla* (figura 15), é também baseada em desenhos de Lowe, embora não esteja assinada (Mesquita *et al.*, 2020).



Figura 13. *Geranium palmatum*, gravura de Curtis (1792), tab. 206, autor não identificado (os ilustradores da revista, à data, eram Sydenham Edwards, James Sowerby e William Kilburn).



Figura 14. *Tolpis macrorhiza*, gravura de Hooker (1830), tab. 2988, a partir de original de William Jackson Hooker.



Figura 15. *Goodyera macrophylla*, gravura de Lowe (1831), tab. 1., a partir de esboços de Richard Thomas Lowe.

Lowe publicou vários artigos sobre diferentes aspectos da flora da Madeira durante a sua vida, dois dos quais com a publicação de várias espécies novas (Lowe, 1838; 1856). Neste último é descrita a cenoura-da-rocha (*Monizia edulis*), um género endémico da Madeira cujo nome homenageia João Maria Moniz, um botânico local a quem Lowe se refere como um amigo, um investigador competente da flora da Madeira e um zeloso horticultor (Lowe 1856). Esta espécie foi descrita na *Curtis's Botanical Magazine* em 1868, acompanhada de uma ilustração de Walter Hood Fitch apresentada na figura 16 (Hooker, 1868). Um dos mais prolíficos ilustradores botânicos do século XIX, Fitch foi praticamente o único ilustrador da revista entre 1834 e 1877 (Blunt & Stearn, 2015).

O trabalho mais notável de Lowe sobre a flora da Madeira, *A Manual Flora of Madeira and the Adjacent Islands of Porto Santo and the*

*Desertas* (Lowe, 1857-1872) foi a primeira tentativa de produzir uma descrição completa da flora do arquipélago. A sua publicação foi interrompida pela morte inesperada do autor num naufrágio, mas, apesar de incompleta, esta é ainda uma obra de referência da botânica madeirense.

Globalmente, dos vários táxones madeirenses publicados por Lowe, são actualmente reconhecidos 72, dos quais 54 são endemismos exclusivos do arquipélago, 10 são endemismos macaronésicos e os restantes 8 são plantas nativas mas não endémicas (Menezes de Sequeira, com. pess.).

Ao longo de todo o século XIX foram descritos vários táxones endémicos da Madeira por botânicos radicados no continente, mas nunca resultando de uma exploração sistemática das ilhas. Destaca-



Figura 16. *Monizia edulis*, gravura de Hooker (1868), desenho e gravura de Walter Hood Fitch.

-se Augustin Pyramus de Candolle, que publicou três espécies da família das compostas no seu *Prodromus* (Candolle, 1838), uma obra em que ambicionava sintetizar todas as plantas com flor do mundo e que foi continuada pelo seu filho, após a sua morte. E a dupla Philip Barker Webb e Sabin Berthelot, que também descreveram três espécies madeirenses na sua obra dedicada à história natural das ilhas Canárias (Webb & Berthelot, 1836-1850).

A evolução do conhecimento botânico da flora da Madeira caminhou a par com a evolução da taxonomia enquanto disciplina científica e está presente nos vários capítulos da sua história. Acompanhou os esforços feitos para conhecer e classificar a diversidade biológica da Terra a partir do século XVI e que cresceram exponencialmente a partir da segunda metade do século XVII, com a exploração de novos continentes.

A flora madeirense está presente nos trabalhos dos primeiros grandes taxonomistas e por vezes desenvolvidos ao longo de várias gerações, como é o caso de Lineu e de Candolle. É claro, neste processo, o resultado da partilha de material – sementes, plantas vivas e espécimes de herbário – entre jardineiros e cientistas das mais diversas nacionalidades, por toda a Europa, assim como a importância dos jardins.

Os jardins privados do século XVI de onde saíram os espécimes que serviram de base às primeiras descrições de plantas da Madeira, assim como às primeiras representações desta flora, eram verdadeiros jardins botânicos, onde por vezes os próprios donos cuidavam de colecções extensas de novidades exóticas recém-chegadas de terras longínquas. A estes juntaram-se os jardins reais, mais tarde abertos ao público como jardins botânicos. Juntamente com os herbários,

os jardins eram os repositórios da biodiversidade que ia sendo desvendada, constituindo o material de trabalho dos taxonomistas. Já no século XIX, a abordagem de Lowe reflecte um novo paradigma, iniciado por Alexander von Humboldt, baseada em trabalho de campo realizado para recolha de informação em primeira mão sobre as plantas e o seu habitat, permitindo um conhecimento naturalístico profundo do território.

Por outro lado, a evolução do conhecimento botânico da Madeira está também intimamente ligada à actividade editorial que se desenvolveu em conexão com a popularização dos jardins. As publicações dedicadas à horticultura e à jardinagem eram, até ao século XIX, edições de luxo, feitas para registar e para mostrar as magníficas colecções vivas dos jardins da aristocracia. A partir do século XIX, os jardins da burguesia adquiriram importância e até mesmo as classes trabalhadoras ganharam interesse pela horticultura, em particular na Inglaterra vitoriana. Multiplicaram-se as publicações periódicas ilustradas dedicadas ao tema, vendidas a preços mais baixos e acessíveis a um maior leque de leitores. A flora da Madeira está presente nas obras mais icónicas da literatura de jardins, desde os catálogos ilustrados dos jardins de Amsterdão, Leiden e Paris dos séculos XVII e XVIII, até às modestas publicações periódicas que se multiplicaram ao longo do século XIX, baseadas no modelo de *The Botanical Magazine*.

Sendo o arquipélago da Madeira um território de tão pequena dimensão, a sua presença constante nos episódios mais emblemáticos da história da taxonomia, da ilustração botânica e dos jardins deve-se ao facto de ter funcionado ao longo dos tempos como uma antecâmara do exotismo de territórios tropicais mais extensos, de passagem obrigatória para os naturalistas europeus, constituindo-se como um caso de estudo paradigmático na abordagem histórica destas disciplinas.

Referências bibliográficas:

- Aiton, W. 1789. *Hortus kewensis, or, a catalogue of the plants cultivated in the Royal Botanic Garden at Kew*. 3 vols. George Nicol.
- Aiton, W. T. 1810-1813. *Hortus kewensis, or, a catalogue of the plants cultivated in the Royal Botanic Garden at Kew*, ed. 2. 5 vols. Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown.
- Blunt, W. & Stearn, W.T., 2015, *The Art of Botanical Illustration* (3.<sup>a</sup> ed.), ACC Art Books.
- Britten, J., 1904, R. Brown's List of Madeira Plants. *The Journal of Botany British and Foreign* 42: 1-8, 39-46, 175-182, 197-299.
- Buch, L. von, 1825, *Physicalische Beschreibung der Canarischen Inseln*, Hofdruckerei der Königliche Akademie.
- Cadamosto, L., 1445. Navegações de Luiz de Cadamosto, Navegação primeira. *Colecção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas* (ed. 1812), pp. 5-58, Academia Real das Sciencias
- Candolle, A.P. de, 1838, *Prodromus systematis naturalis regni vegetabilis, sive, Enumeratio contracta ordinum generum specierumque plantarum huc usque cognitarium, juxta methodi naturalis, normas digesta*, vol. 6, Treuttel et Würtz.
- Cavanilles, A.J., 1787, *Monadelphiae classis dissertationes decem., Quarta Diss.*, F.A. Didot.
- Curtis, W., 1792. *Geranium anemonefolium*. Anemone-leav'd Geranium. *The Botanical Magazine* 5: no. 206.
- Dietrich, F.G., 1816, *Nachtrag zum vollständigen Lexicon der Gärtnerei und Botanik*, vol. 2, Gebründern Gädicke.
- Duhamel du Monceau, H.L. 1800. *Traité des arbres et arbustes, Nouvelle édition [Nouveau Duhamel]*, vol. 1, Étienne Michel, Éditeur.
- Francisco-Ortega, J., Sánchez-Pinto, M., Carine, M, Duarte M. C., Santos-Guerra, A. & Romeiras, M., 2015, The botany of the three voyages of Captain James Cook in Macaronesia: An introduction. *Revista de La Academia Canaria de Las Ciencias* 27: 357-410.
- Francisco-Ortega, J., Santos-Guerra, A. & Jarvis, C. E., 1994, Pre-Linnaean references for the Macaronesian flora found in Leonard Plukenet's works and collections. *Bulletin of the Natural History Museum London, Botany* 24: 1-34.
- Francisco-Ortega, J., Santos-Guerra, A., Carine, M. & Jarvis, C. E., 2008, Plant hunting in Macaronesia by Francis Masson: The plants sent to Linnaeus and Linnaeus filius. *Botanical Journal of the Linnean Society* 157: 393-428.
- Frutuoso, G., 1586-1590, *Saudades da Terra* (ed. 1968), Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- Glen, H. F. 1996. Southern African plants figured in Curtis's Botanical Magazine, 1787-1983. *Arch. Nat. Hist.* 23(2): 261-266.

- Hermann, P., 1687, *Horti academici lugduno-batavi catalogus*, Cornelium Boutesteyn.
- Holl, F., 1830, Verzeichnis der auf der Insel Madeira beobachteten Pflanzen, nebst Beschreibung einiger neun Arten. *Flora oder Botanische Zeitung* 13(1): 369-392.
- Hooker, J. D. 1868. *Monizia edulis*. Cenoura da Rocha, or Rock Carrot. *Curtis's Botanical Magazine* 94: no. 5724.
- Hooker, J. D. 1882. *Sonchus jacquini*. Native of the Canary Islands. *Curtis's Botanical Magazine* 108: no. 6642.
- Hooker, W.J. 1830. *Crepis macrorhiza*. Large-rooted Hawk's Beard. *Curtis's Botanical Magazine* 57: no. 2988.
- Jacquín, N.J., 1784, *Icones Plantarum rariorum*, vol. 1, fasc. 4, C.F. Wappler.
- Jacquín, N.J., 1789, *Plantarum rariorum horti caesarei Schoenbrunnensis descriptiones et icones*, vol. 3, C.F. Wappler.
- Jacquín, N.J., 1804, *Plantarum rariorum horti caesarei Schoenbrunnensis descriptiones et icones*, vol. 4, C.F. Wappler.
- Ker Gawler, J. B. 1818. *Sempervivum glutinosum*. *Botanical Register* 4: tab. 278.
- L'Héritier de Brutelle, C.J., 1785-1805, *Stirpes novae*, Philippi-Dionysii Pierres.
- L'Héritier de Brutelle, C.J., 1789-1792, *Sertum Anglicum*, Petri Francisci Didot.
- Lamarck, 1783, *Encyclopedie Methodique*, vol. 1, Botanique. Panckoucke, Plomteux.
- Lindley, J., 1822, Observations on the natural Group of Plants called *Pomaceæ*, *Trans. Linn. Soc. London* 13(1): 88-106.
- Lowe, R. T., 1831, Primitiæ faunæ et floræ Maderæ et Portus Sancti [...]. *Transactions of the Cambridge Philosophical Society* 4: 1-70; pl. 1-6.
- Lowe, R.T., 1838, Novitiæ floræ Maderensis: or Notes and Gleanings of Maderan Botany. *Transactions of the Cambridge Philosophical Society* 6: 523-551.
- Lowe, R.T., 1856, Species Plantarum Maderensium quaedam Novae, vel hactenus ineditae, breviter descriptae. *Hooker's Journal of Botany and Kew Garden Miscellany* 8: 289-302.
- Lowe, R.T., 1857-1872, *A manual flora of Madeira* [...]. London: John van Voorst, Paternoster row.
- Mello, F. M., 1660, Descobrimento da ilha da Madeira, Anno 1420, Epanaphora Amorosa, *Epanaphoras de varia historia portugueza*, Henrique Valente de Oliveira Impr., pp. 312-348.
- Menezes de Sequeira, M., Santos-Guerra, A., Jarvis, C.E., Oberli, A., Carine, M., Maunder, M. & Francisco-Ortega, J., 2010, The Madeiran plants collected by Sir Hans Sloane in 1687, and his descriptions. *Taxon* 59(2): 598-612.
- Mesquita, S., Castel-Branco, C. & Menezes de Sequeira, M, 2020, Richard Thomas Lowe, an unknown botanical illustrator, *Scientific Insularum* 3: 59-71.
- Moore, D.T., 2001, Some aspects of the work of Robert Brown and the Investigator naturalists in Madeira during August 1801. *Arch. Nat. Hist.* 28(3): 383-394.
- Nunes, N. N., 2002, *O açúcar de cana na ilha da Madeira: terminologia e tecnologia históricas e atuais da cultura açucareira do Mediterrâneo ao Atlântico*, Tese (Doutoramento em Linguística Românica), Universidade da Madeira.
- Paz-Sánchez, M., 2004, Un drago en el jardín de las delicias, *Flandes y Canarias. Nuestros Origenes Nórdicos*, vol. 1, pp. 13-109.
- Plukenet, L., 1696, *Phytographiae*, Pars quarta, London.
- Schrader, H.A. & Wendland, J.C., 1797, *Sertvm Hannoveranvm sev plantae rariores qvae in Hortis Regiis Hannoverae vicinis colvntvr*, Vandenhoeck & Rvprecht.
- Stöver, D. J. H., 1794, *The life of Sir Charles Linnaeus, knight of the Swedish Order of the Polar Star*, B. and J. White.
- Ventenat, É. P. 1804. *Jardin de la Malmaison*, vol. 1, Imprimerie de Crapelet.
- Webb, P.B. & Berthelot, S., 1836-1850, *Histoire Naturelle des Iles Canaries*, vol 3 [Botanique], Béthune.
- Wijnands, O.O. ,1983, *The botany of the Commelins*, A. A. Balkema.
- Willdenow, K. L., 1816, *Hortus Berolinensis: sive icones et descriptiones, plantarum rariorum vel minus cognitarum, quae in Horto Regio botanico Berolinensi excoluntur*, F. Schüppel.